

Comparação e legitimação no *Curso de literatura nacional* de Fernandes Pinheiro

Sonia Monnerat Barbosa*

Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*, mais exatamente na parte sobre “A consciência literária”, refere-se a escritos de autores que, segundo suas palavras, “negavam caráter distinto à nossa literatura, reputando-a, no todo ou na parte inicial, mero galho da portuguesa”.¹ Nesse tópico, ao lado do caso de Álvares de Azevedo, “um jovem do maior talento”,² Antonio Candido considera a posição do cônego Fernandes Pinheiro, distinguido como “um compassado canastrão”,³ muito embora, na comparação sobre essa matéria específica, considere ser a opinião do segundo “mais justa e clara”, em seus argumentos sobre a não existência de literatura brasileira anterior ao Romantismo, pelo fato de que “até então, apesar de particularidades manifestas, os nossos autores nada exprimiam de diferente dos portugueses”,⁴ ponto de vista, portanto, contrário ao do jovem poeta, derivado, esse último, do entendimento de que “sem língua à parte não há literatura à parte”.⁵

O trabalho do qual damos aqui notícia relaciona-se, justamente, ao *Curso elementar de literatura nacional*, escrito pelo cônego Fernandes Pinheiro, em quem Antonio Candido enxerga outros defeitos e méritos, alinhando-se dentre estes últimos “o louvável esforço de sistematizar uma realidade contemporânea sem o recuo confortável do tempo”,⁶ ao tratar da parte relativa à literatura desenvol-

* UFF.

¹ Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1971, v. 1, p. 341.

² Id., *ibidem*, p. 341.

³ Id., *ibidem*, p. 341.

⁴ Id., *ibidem*, p. 342.

⁵ Id., *ibidem*, p. 342.

⁶ Id., *ibidem*, p. 354.

vida no Brasil em sua época "(única reputada independente da de Portugal)",⁷ assim como o de ter sido o principal orientador da *Revista popular* e de nela acolher com tolerância contribuição contrária à sua, como a que se manifesta nos textos do amigo Joaquim Norberto, que se posicionava situando o marco da autonomia literária brasileira em fase antecedente à independência política e à orientação romântica,⁸ acolhimento que contribuiu para tornar essa revista literária um espaço privilegiado de apresentação de posicionamentos divergentes sobre a polêmica questão da identidade literária e da indicação de seus limites iniciais.

Sobre a obra do cônego, sabe-se que, além de ser ela considerada a "primeira história literária publicada por um brasileiro",⁹ pioneirismo destacado pelo próprio autor¹⁰ e por estudiosos de diferentes gerações,¹¹ sua elaboração está associada ao exercício do magistério no Imperial Colégio de Pedro II, onde ministrou a cadeira de Literatura Nacional, além daquela de Retórica e Poética, cátedra esta ocupada a partir de 1857. O *Curso* foi pela primeira vez editado em 1862, tendo duas edições posteriores, uma em 1883, "melhorada e revista pelo sobrinho do autor, [...] Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro", e uma outra, comemorativa, feita a partir da segunda, em 1978.¹²

Para além dos deméritos levantados por Candido – que, aliás, é autor que pode somar-se a uma extensa lista de outros estudiosos da história da literatura brasileira que criticaram as obras de Fernandes Pinheiro –, um dos procedimentos mais característicos e

recorrentes no *Curso* é alvo de insistentes reparos. Não importa que sejam chamadas por uns de "paralelismos literários", de "sími-les", de "comparações" ou "confrontos" – com seus "contrastes e paralelos" –, as aproximações na apresentação de autores e obras, assim como o, quase sempre, decorrente estabelecimento de hierarquização entre os termos confrontados, têm sido, há bastante tempo, objeto de reflexão sobre o método empregado pelo cônego em sua história literária.

Referindo-se a críticas feitas por Sílvio Romero, Ronald de Carvalho e outros, o autor da apresentação da terceira edição do *Curso*, Mário Portugal Fernandes Pinheiro, em tom sempre laudatório, destaca que "Os que se insurgem contra o *paralelismo literário* na obra do Cônego, inclusive através de alusões sabidamente truncadas, conforme o fizeram Sílvio Romero e Ronald de Carvalho, em primeiro plano, parecem esquecidos de que o símile foi um dos critérios preponderantes na crítica literária, durante o período romântico. A propósito, reportamo-nos à arguta explanação de Joaquim Ribeiro, ao justificar o *Símile na crítica do Cônego Fernandes Pinheiro*.

Critério eminentemente literário, adaptavam-se os paralelos ao espírito da época, no Brasil e no exterior, subsistindo mesmo em outras histórias da literatura brasileira que se sucederam às do fundador de nossa historiografia e crítica literárias. [...] Manifesta incongruência a dos que censuram o paralelismo literário existente nas obras de Fernandes Pinheiro [...]: feitas severas restrições àquelas obras em face do símile, persistem no estabelecimento do confronto entre os escritores nacionais e alienígenas [...]"¹³

Em que pese o sentido evidente de defesa do *Curso elementar de literatura nacional*, as observações e exemplos variados do apresentador da terceira edição da obra têm o mérito de destacar o caráter sistemático do recurso a comparações,¹⁴ que sabemos que, por longo tempo, foram empregados pelo Cônego, por Romero, Veríssimo e por muitos outros, para apresentação e hierarquização

⁷ Id., *ibidem*, p. 354.

⁸ Id., *ibidem*, p. 339.

⁹ SOUZA, Roberto Azevedo de. *O império da eloquência*. Rio de Janeiro: EdUERJ; EdUFF, 1999, p. 73.

¹⁰ "[...] coube-nos a honra de ter escrito, há dez anos, o primeiro *Curso Elementar de Literatura* que possuiu a língua portuguesa" (PINHEIRO, J. C. Fernandes (Cônego). Prefação. *Resumo de história literária*. Rio de Janeiro, 1873).

¹¹ São os seguintes os citados por Mário Portugal Fernandes Pinheiro: Afrânio Coutinho, Alceu Amoroso Lima, Arthur Mota, Carlos Maul, Celso Vieira, Fidelino de Figueiredo, Joaquim Ribeiro, Maurício Madeiros, Virgínia Cortes de Lacerda, Wilson Martins (Apresentação. In: PINHEIRO, Fernandes, Cônego. *Curso de literatura nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: INL; Brasília: Cátedra, 1978, p. XXVII).

¹² "Já agora, bem próximo de nossos dias, em 15 de janeiro de 1976, transcorreu o centenário de falecimento do Cônego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e, para condignamente comemorá-lo, deliberou o Instituto Nacional do Livro, em magnífica iniciativa do Diretor Herberto Sales e feliz inspiração do Acadêmico Adonias Filho, publicar a terceira edição do *Curso Elementar de Literatura Nacional*" (PINHEIRO, Mário Portugal Fernandes. Apresentação. In: PINHEIRO, Fernandes, Cônego. *Curso de literatura nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: INL; Brasília: Cátedra, 1978, p. XXIV).

¹³ PINHEIRO, Mário Portugal Fernandes. Apresentação. In: PINHEIRO, Fernandes, Cônego. *Curso de literatura nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: INL; Brasília: Cátedra, 1978, p. XXXIII-XXXV.

¹⁴ Como argumento contrário às críticas imputadas ao cônego a respeito do uso (e abuso) de "paralelismos literários" e buscando demonstrar sua incongruência, o mesmo Mário Portugal Fernandes Pinheiro apresentou uma extensa lista de expressivos exemplos colhidos nas obras de história da literatura de alguns dos detratores da produção do cônego (Op. cit., p. XXXIV-XXXV).

de autores e obras, mesmo quando o objetivo declarado era o de traçar um panorama de nossa literatura.

Em alguma medida apresentada a história literária, por esses e outros historiadores, como resposta à questão da identidade nacional, argumentando sobre ser a produção da antiga colônia e do novo país "independente", "galho entroncado" na literatura portuguesa ou "imitadora" de modas estrangeiras, o procedimento de confronto de autores e obras do Brasil com outros de diversa procedência, em especial europeus, reiteradamente se fez presente, muito menos como fruto de análises ou expressão da aplicação sistemática de um método de trabalho do historiador literário, mas, sobretudo, como resultado de aproximações guiadas por objetivos marcadamente retóricos – e às vezes estabelecendo semelhanças literárias entre termos somente comparáveis em função de circunstâncias biográficas.¹⁵ Esses confrontos prestaram-se à comprovação de vínculos externos de nossa literatura, que tanto poderiam servir como argumento implícito para atestar sua inferioridade dependente como para avalizar o juízo de que se tratava de uma literatura que já deveria ser lida como parcela de uma história literária de caráter "universal".

Sobre a resposta de Fernandes Pinheiro a respeito do estatuto dependente – da portuguesa –, identificado na literatura brasileira anterior a Gonçalves de Magalhães, vimos, já no início, o que nos indicou Antonio Candido, e que também pode ser confirmado por uma longa transcrição das próprias palavras do cônego, em que o leitor atento já poderia assinalar, por exemplo, aproximações de autores do Brasil com os de "além-mar" e expectativas de "evolução histórica" da literatura brasileira em direção similar à chilena e/ou à estado-unidense...

"[...] subdivide-se a literatura conforme os países a que pertencem os seus autores, ou conforme as idéias de que se fazem órgãos. Se o clima, a religião, a forma de governo, os usos e os costumes atuassem sempre poderosamente sobre as literaturas dos povos seria fora de dúvida que cada país devesse contar uma que lhe fosse especial. Infelizmente porém assim não acontece; e numerosos são os exemplos de nações independentes que não possuem literatura própria, como v. g. a Suíça.[...]"

¹⁵ Como na comparação entre Cláudio Manuel da Costa e Chatterton, a propósito do pretense suicídio do primeiro (p. 368).

Fazendo a aplicação dos princípios que acabamos de estabelecer julgamos, bem que pese ao nosso patriotismo, que nas faixas infantis ainda se acha envolta a literatura brasileira. Tê-la-emos brevemente, como já a possuem os Estados Unidos e quiçá o Chile; numerosos são os elementos que se aglomeram para a sua constituição, e o movimento impresso em 1836 pelo Sr. Magalhães vai produzindo brilhantes resultados.

Discordamos porém da opinião dos que pretendem enxergar uma nacionalidade, um cunho particular nos escritos de alguns ilustres brasileiros, compostos durante o regime colonial, ou ao crepúsculo da aurora boreal da independência, quando as preocupações políticas absorviam todas as atenções. Não passam de gloriosos precursores Durão, Basílio da Gama, os dous Caldas, S. Carlos, os dous Alvarengas, Cláudio Manuel da Costa e alguns outros belos engenhos que faziam ouvir seus cantos no meio da servidão da pátria. Não descobrimos porém em seus versos uma idéia verdadeiramente brasileira, um pensamento que não fosse comum aos poetas de além-mar."¹⁶

Sobre os paralelos de que se valeu para apresentar autores do Brasil, não raro recuperando comparações encetadas por outros autores, assim como do efeito de validação extraído das aproximações que estabeleceu apoiando-se no grau comparativo de igualdade, e até mesmo no uso de formas de expressão do grau superlativo¹⁷ com relação ao valor associado ao termo "brasileiro",¹⁸ também podemos apresentar, a seguir, exemplos, os quais, todavia, não devem ser lidos como indicativo da inexistência de confrontos que apontam para inferioridade de alguns autores ou da literatura local como todo:

¹⁶ PINHEIRO, Fernandes. *Cônego. Curso de literatura nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: INL; Brasília: Cátedra, 1978, p. 10-11.

¹⁷ O que, todavia, não exclui a existência de alguns confrontos que apontam para inferioridade dos autores ou da literatura local: "Dessa mesma teogonia pudera Durão tirar melhor partido, se, como mais tarde praticaram Southey, no seu *Madoc*, e Henrique Heine, no *Huitzilopochtli*, se tivesse aproveitado das lendas que entre os selvagens corriam, relativas aos tempos anteriores à conquista européia" (p. 396).

¹⁸ Registremos a importância dada por Fernandes Pinheiro e contemporâneos à apuração da naturalidade de autores como Vieira e Tomás Antônio Gonzaga. Em F. Pinheiro, vide op. cit., p. 238 (para Vieira) e p. 303 e 309 (para T. A. Gonzaga). Leia-se, a propósito, o trecho que se segue: "Pondo de parte a questão da naturalidade, meramente acidental, não podemos deixar de considerar Gonzaga como fazendo parte do nosso Parnaso; porque, filho de brasileiro, educado no Brasil, por ele sofrendo os tormentos da prisão, e as dores do exílio [sic], pertence-nos como Benjamin Constant pertence à França, apesar de nascido na Suíça" (p. 309).

"[...] Pelos próprios portugueses é Caldas havido por um dos primeiros líricos da nossa língua; e um juiz competente não hesitou em emitir a seu respeito o seguinte juízo: 'O P. A. P. de Souza Caldas, brasileiro, é dos melhores líricos modernos. A poesia bíblica, apenas encetada de Camões na paráfrase do salmo *Super flumina Babylonis*, foi por ele maravilhosamente tratada, e desde Milton e Klopstock ninguém chegou tanto acima neste gênero.' (Garrett: *Bosquejo*).¹⁹ A *Ode ao homem selvagem* que, segundo o testemunho de seu amigo Stockler, fora composta quando o autor contava apenas vinte e um anos, é um brilhante reflexo das utopias e paradoxos de J. J. Rousseau; encerra porém belezas de primeira ordem e que só de per si seriam capazes de inscrever o seu autor no *livro de Ouro* da poesia nacional."²⁰

Sobre a matriz retórica da escrita da crítica e da história literária do autor do *Curso de literatura nacional* há repisados comentários de Sílvio Romero, como o a seguir transcrito, embora, não devamos nos esquecer de que, como foi evidenciada no estudo feito por Mário Portugal Fernandes Pinheiro, a presença de paralelismos (estabelecidos através de aproximações que poderiam ser ditas superficiais) é abundante também nas obras de historiadores que criticaram o cônego, inclusive do próprio Romero:²¹

"[...] algumas palavras sobre a arte de criticar no Brasil: Nos tempos coloniais não existiu entre nós; [...] Mais alentada se mostrou nos primeiros anos do atual reinado pelo órgão de Santiago Nunes Ribeiro e Norberto de Souza e Silva.

Já então tinha preocupações nacionalistas e cogitava de nossas origens. Pouco mais tarde descaiu imensamente nas mãos de Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis. Vestira então a velha túnica da retórica, tendo despido o amplo manto da história."²²

Interrogando e refletindo sobre questões de método e sobre a matriz dessa escrita da história literária, R. Acízelo de Souza colhe nas *Postilas* uma citação, em um subcapítulo de *O império da eloquência* em que trata da contribuição de Joaquim Caetano Fernan-

des Pinheiro, e sobre ela tece comentários, em passagem, a seguir transcrita.²³ Após retomar a auto-avaliação do mestre de retórica, expressa como segue, "'Há três maneiras de proceder-se á crítica: pela impressão que resulta da primeira leitura de qualquer obra; pela analyse detida e minuciosa de cada uma de suas partes, tomadas em separado; e pela confrontação da obra que analysamos com outra de natureza idêntica, ou semelhante' (ibid., p. 171)",²⁴ Acízelo de Souza analisa: "Observe-se, quanto às alternativas metodológicas aventadas no último trecho citado, que o autor revela sua inclinação pela terceira via enunciada. A quem pretenda ver aí algum protocombativismo, levado pelo entusiasmo que hoje suscita a assim chamada literatura comparada, é preciso advertir para a arbitrariedade dessa suposição, pois o cônego não faz senão transpor para o campo da crítica o esquema de um processo retórico da composição, conhecido como *confronto*, cujas formas habituais são o *contraste* e o *paralelo*."²⁵

Reconhecendo a necessidade de bem separar, dentre as diferentes contribuições que se apresentam muitas vezes sob uma mesma rubrica disciplinar, modalidades diferenciadas quanto a suas bases teóricas e metodológicas, e não sendo nosso objetivo, nesse texto, debater sobre uma possível periodização de disciplinas no campo dos estudos literários, estabelecendo o estatuto diferencial da escrita retórica com respeito aos diferentes estágios dos trabalhos acadêmicos da literatura comparada, importa-nos destacar que, em nossas pesquisas sistemáticas sobre Fernandes Pinheiro, e também sobre Romero e Veríssimo, assim como no exame menos constante de outros historiadores da literatura brasileira até a metade do século XX, temos verificado a existência recorrente de "paralelos" entre autores nacionais e estrangeiros, envolvendo, ou não, o recurso a confronto de textos ou registros biográficos, operando por vezes os historiadores com noções como fonte, influência, filiação e dependência.

Um exame ampliado dessas obras de História da Literatura Brasileira permite refletir sobre a extensão desses procedimentos que vão do cacete retórico ao comparativismo tradicional nelas presentes, especialmente nos casos de confrontos com autores ca-

¹⁹ PINHEIRO, Fernandes, Cônego. *Curso de literatura nacional*, 3. ed. Rio de Janeiro: INL; Brasília: Cátedra, 1978, p. 298.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 299, a propósito do mesmo Souza Caldas.

²¹ Consulte-se, a propósito, estudos nossos em que mostramos a construção, via comparações, da legitimação de autores intersticiais como José Maria do Amaral: Comunicação ao Congresso da ABRALIC, Rio de Janeiro, 1996 e Reunião do GT de História da Literatura da ANPOLL, Campinas, 1998.

²² ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*, 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980, 5 v., p. 1640.

²³ SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência*. Rio de Janeiro: EdUERJ; EdUFF, 1999, p. 73-79.

²⁴ A fonte em questão, citada por Acízelo de Souza, é a obra didática *Postilas de retórica e poética*, com primeira edição em 1872.

²⁵ SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência*. Rio de Janeiro: EdUERJ; EdUFF, 1999, p. 79.

nonizados em outras literaturas nacionais. Mesmo em casos como o de Fernandes Pinheiro, em que as aproximações raro aparecem justificadas pelo confronto de elementos biobibliográficos, o que ressalta dessa tradição historiográfica freqüentadora da comparação é a indagação sobre sua importância como elemento de legitimação da produção local fazendo com que, por meio dos paralelos, dos contrastes ou das comparações detalhadas de vidas e obras, passe a ser situada num plano de "história universal", isso através de diferentes aproximações, todas, ao que parece, envolvendo possibilidades argumentativas que visam persuadir por meio de estratégias discursivas que se constroem pondo termos em comparação.

O exame do *Curso* de Fernandes Pinheiro evidencia, em abundância, procedimentos comparativos, caracterizados sobretudo pelo simples recurso retórico, sem outras justificativas, a nomes paradigmáticos dentre os diferentes gêneros literários – ora citando Aretino para reforçar o pendor de uma sátira desabusada (falando de Gregório),²⁶ ora citando Petrarca para exaltar uma produção lírica (a propósito de Cláudio Manuel)²⁷ etc.

A leitura dessa obra de pretensões didáticas revela-se, entretanto, para muito além do conhecimento do modo de operar de sua escrita, lição sobre uma modalidade de inscrição histórica recorrentemente utilizada por outros historiadores da Literatura Brasileira quando, para efeito de esclarecimento sobre características, mas, também, com vistas à validação dos critérios de classificação e valoração utilizados, confrontam dados sobre autores tematizados com dados de outros autores, nacionais ou estrangeiros, tomando especialmente por base escritores considerados consagrados.

Com relação ao historiador de que tratamos, parece-nos que a articulação da historicidade literária curva-se diante de um quadro de referências marcado por conceitos de uma matriz "clássica" de gêneros e por uma escrita didática que faz o elogio de precursores ilustres que não desonrariam o futuro de uma literatura nacional autônoma. Evidentemente, o historicismo praticado por Romero e Veríssimo já aponta, mais solidamente, em vários passos, para uma investigação comparatista, de modelo biográfico-filológico, a

qual, pelo confronto direto de textos²⁸ ou pela alusão a possíveis aproximações de textos e contextos de vida dos autores que as produziram, evidencia relações de "parentesco" literário, delimitando redes de relações entre antecessores, precursores, epígonos, mas também entre contemporâneos, relações estas que em muitos casos serão explicitamente lidas a partir das noções de fontes e influências, articuladoras do comparativismo tradicional.

²⁶ PINHEIRO, Fernandes, *Cônego*, op. cit., p. 180.
²⁷ Id., p. 368.

²⁸ O que ocorre em alguns momentos da *História* de Romero, como no caso, por nós estudado do confronto de fragmento de Garrett com parte do poema *Zerani* de José Maria do Amaral.